

A DIDÁTICA CRÍTICA NO ENSINO DE HISTÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL

Janaina C. Mello

Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de História,
Universidade Federal de Sergipe, janainamello.ufs@gmail.com

Resumo

O Patrimônio Cultural tem sido contestado nas demandas de grupos sociais e etnias silenciadas na seleção, reconhecimento e difusão de tradições materiais e imateriais (Iphan/Unesco). Novos espaços, abordagens, conceitos, autores e, sobretudo, a participação dos discentes como produtores de cultura para outras gerações, são necessários às metodologias contemporâneas do Ensino de História. A didática crítica de Rüssen aliada à pedagogia da autonomia de Paulo Freire constituem um itinerário, consciente e indutor de aulas extramuros da escola, capaz de motivar a reflexão na transformação da realidade.

Palavras-chave: Didática Crítica, Patrimônio Cultural, Ensino de História.

CRITICAL DIDACTICS IN THE TEACHING OF HISTORY AND CULTURAL HERITAGE

Abstract

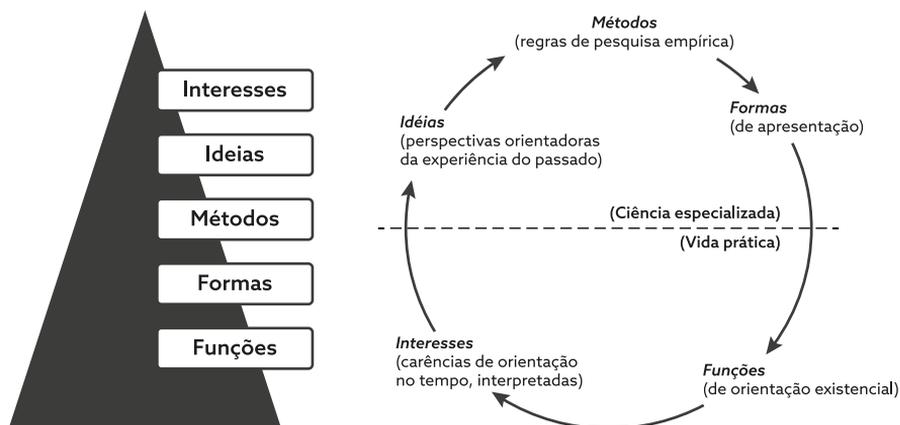
Cultural Heritage has been challenged in the demands of social groups and muted ethnic groups in the selection, recognition, and dissemination of material and immaterial traditions (Iphan/UNESCO). New spaces, approaches, concepts, authors and, above all, the participation of students as producers of culture for other generations, are necessary to contemporary methodologies of History Teaching. Rüssen's critical didactics combined with Paulo Freire's pedagogy of autonomy constitute an itinerary, conscious and inducing extramural classes from the school, capable of motivating reflection in the transformation of reality.

Keywords: Critical Didactics, Cultural Heritage, History Teaching

Jörn Rüsen e a Didática Histórica Crítica

Para alinhar a tecitura de uma didática do Ensino de História capaz de trazer aos alunos a compreensão de sua realidade, da potencialidade de seu protagonismo na construção do conhecimento em sala de aula e fora dela, vivenciando a gestão do patrimônio cultural como uma herança a ser referenciada à partir de problematizações, contestações e alterações conforme o acesso de grupos outrora excluídos aos postos decisórios, as leituras de Jörn Rüsen (2001, 2007a, 2007b) em seu pensamento teórico-prático na constituição de uma Didática Histórica Crítica evoca: 1. As razões do pensamento histórico enraizadas na vida cotidiana; 2. A Ciência especializada: Vida Prática; 3. O conhecimento produzido retorna ao meio social como orientação para a vida prática e 4. A Educação/Ensino de História com um sentido.

Figura 1
Modos de Pensar/Conhecer/Estudar



Fonte. Elaboração adaptada da Matriz Disciplinar de Rüsen (2007a) e Lee (2004, p.3).

O itinerário de Rüsen para um ensino-aprendizado que reflita significado tanto para os alunos quanto para seus professores, fazendo a escola cumprir seu papel social, perpassa a percepção dos interesses do aprendente que não é uma tábula rasa e chega à instituição de ensino com uma bagagem cultural formativa (experiências de vida familiar, religiosa, tradições etc.) e carências sobre sua orientação temporal que incidem sobre sua visão de mundo. As ideias que estes trazem a partir de suas experiências do passado e que vão se enriquecendo a partir do

momento em que outros diálogos, trocas e reflexões ocorrem. Os métodos que os professores utilizam para despertar suas consciências para o desenvolvimento de soluções para problemas cotidianos tendo por fundamento as Ciências Humanas, Sociais, Exatas, Biológicas. As formas que esse despertar do pensamento crítico vai assumindo e como se apresenta durante o processo de ensino-aprendizagem. E por fim, as funções, as aplicações que extrapolam os muros escolares e alcançam as vidas na sociedade.

Essas etapas encadeadas são intrínsecas ao movimento circular que os Métodos (regras da pesquisa empírica) promovem entre a Ciência especializada (História, Geografia, Linguagens, Matemática etc.) e a vida prática que pulsa no dia a dia.

Esse modelo de Didática Histórica Crítica de Jörn Rüsen dialoga profundamente com a Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire (1997), uma vez que este defendeu: 1. A formação dos docentes dentro de uma prática educativo-progressiva favorável à autonomia dos educandos; 2. O reconhecimento da História como um tempo de possibilidades e não de determinismos; 3. A máxima de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção; 4. Não há docência sem discência. Quem ensina, aprende ao ensinar e quem aprende, ensina ao aprender.

O patrimônio Cultural contestado no Ensino de História: novos olhares, novas práticas, novos sujeitos.

Há pelo menos vinte e cinco anos o patrimônio cultural tem sido contestado em suas formas de herança, seleção, visibilidade, salvaguarda, hierarquias por diversos grupos de tensão, desde comunidades tradicionais, perpassando por profissionais de instituições, gestores até intelectuais das áreas da História, Antropologia, Arqueologia, Sociologia, Museologia, dentre outros. Isto posto que o mundo vivido não está isento de contendas, onde grupos religiosos, étnicos, nacionais, políticos e outros grupos manipulam (apropriam, usam, usam mal, excluem, apagam) marcadores e manifestações de sua própria herança cultural e de outros como um meio de afirmar, defendendo ou negando reivindicações críticas de poder, terra, legitimidade e assim por diante (Silverman, 2010).

No Brasil, essa realidade não se mostra diferente e um grande desafio dos professores de História reside no ensino de heranças materiais e imateriais em um país de multiplicidade cultural, com períodos históricos de escravização indígena e africana, criação de instituições que até o final do século XX, em sua grande maioria priorizavam uma História do Brasil a partir da colonização portuguesa, eivada de um forte eurocentrismo e por isso, excluindo grande parte das ancestralidades de outros povos que conformam uma identidade brasileira tão poliforme.

Sergipe, o menor estado do Brasil em extensão territorial, localizado na região Nordeste, congrega uma imensa riqueza cultural refletida na manutenção de folguedos por grupos de culturas populares de matriz afrodescendente que reelaboram seu contato com os europeus, entre tensões e negociações com os povos autóctones. A

religiosidade, a musicalidade e a dança, a dramatização e a performance, a indumentária, a memória, a oralidade se imiscuem na narrativa histórica que chega às escolas.

Figura 2

Mapa do Brasil com Sergipe destacado em cinza



Fonte. <https://cidades.a77.com.br/>

Nessa territorialidade, vários municípios mantêm tradições culturais de grande reconhecimento quer pela população local, intelectuais, visitantes e órgãos de salvaguarda como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Destacam-se dentre todos as localidades: Laranjeiras, São Cristóvão, Itaporanga d’Ajuda, Japaratuba, Estância e Lagarto. Fazendo com que os folguedos, conservados pelos moradores desses espaços, tenham se transformado em acervo digital exposto no Museu da Gente Sergipana e do Largo da Gente Sergipana, inaugurados respectivamente em 2011 e 2018.

Ocupam essas geografias os grupos de cultura popular do Reisado, Taieiras, Barco de Fogo, Chegança, Cacumbi, São Gonçalo do Amarante, Parafuso, Samba de Coco presentes nos Encontros Culturais de Laranjeiras e Japaratuba, na festa dos Reis, em janeiro; a grande manifestação teatral a céu aberto Lambe Sujo e Caboclinhos sempre no mês de outubro em Laranjeiras, mas também as procissões do Senhor dos Passos que reúne uma multidão de fiéis na Praça São Francisco em São Cristóvão, que recebeu a chancela de patrimônio da humanidade pela Unesco em 2012.

Figura 3

Mosaico de fotos dos folguedos na Praça São Francisco, São Cristóvão, SE, Brasil.



Fonte. Unesco/lphan, 2010, p.58.

Em novos espaços de aprendizagem da História do Brasil, através de sua cultura multiétnica, são necessárias novas abordagens, conceitos, autores e, sobretudo, a participação dos discentes como produtores de cultura para outras gerações, nas metodologias contemporâneas do Ensino de História. Desse modo, Eliana Oliveira (2020) utilizando-se de uma pesquisa extensa de campo (junto aos grupos de folguedos, museus e alunos da Educação Básica), de arquivos e bibliotecas (para coletar subsídios historiográficos, fontes textuais e imagéticas) elaborou como produto pedagógico para o Mestrado Profissional em Ensino de História da UFS, no período de 2018 a 2020, o jogo de tabuleiro “Ponteiros da Memória”, tendo como objetivo lúdico a Educação Patrimonial no Ensino de História em Sergipe.

Assim, os grupos de folguedos foram pesquisados, fotografados, filmados, estudados, entrevistados informalmente em seus cotidianos e em suas representações a partir das estatuárias do Largo da Gente Sergipana, na capital Aracaju, entre o Museu e o rio Sergipe. Dessa imersão, resultou um jogo de tabuleiro com ponteiros, cartas, Cadernos Culturais e de Regras e QR Codes que podem ser usados ou não, a depender da conectividade com a internet nas escolas.

Figura 4

Primeira versão do jogo Ponteiros da Memória/ProfHistória-UFS.



Fonte. Oliveira, 2020.

A didática crítica de Rüsen esteve aliada à pedagogia da autonomia de Paulo Freire na constituição do itinerário, consciente e indutor de aulas extramuros da escola, capaz de motivar a reflexão na transformação da realidade. Assim, as ancestralidades negras e indígenas de Sergipe estão remontadas no jogo que serve de aporte aos professores de Ensino de História, Geografia, Sociologia e mesmo Educação Física para que através de uma brincadeira divertida, mas compromissada com a realidade cultural, elaborem seu próprio conhecimento da história local, do meio ambiente, das várias linguagens.

O jogo foi elaborado com material reciclado (caixas de leite e suco tetra pak, tampinhas de garrafas pet de refrigerante) e atua na formação de cidadãos conscientes que valorizem a salvaguarda tanto do patrimônio cultural quanto do patrimônio natural através do rio Sergipe que lhes garante trânsito, alimentação e paisagem.

O jogo foi ainda aplicado nas aulas em várias turmas de escolas sergipanas, onde os alunos puderam eles mesmos montarem o tabuleiro e colarem as cartas, bem como ajudarem no aperfeiçoamento, corrigindo o movimento do tabuleiro com sugestões para melhoria. Também os professores da Educação Básica contribuíram nesse processo e ainda os Mestres da Cultura popular que também jogaram e manifestaram suas opiniões nas decisões sobre alteração do produto.

Figura 5

Aplicação do jogo junto com Mestres do Folgado em Sergipe.

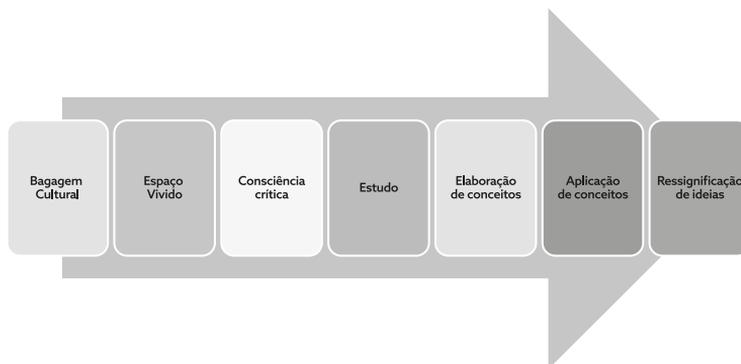


Fonte. Acervo Eliana Oliveira, 2020.

O material desenvolvido pela mestranda sob minha orientação evidencia uma circularidade de conceitos e experiências que envolve o indivíduo, o coletivo, os equipamentos culturais, os processos culturais, a História e o Meio Ambiente.

Figura 6

Itinerários formativos/informativos da didática histórica crítica do patrimônio cultural.



Fonte. Elaboração própria, 2021.

Assim, o itinerário formativo/informativo da didática histórica que alia as propostas de Rüsen e Freire compreendem a bagagem cultural trazida pelos alunos, a atenção ao espaço vivido, o desenvolvimento da consciência crítica, o estudo das referências, a elaboração dos conceitos, a aplicação dos conceitos até que se chegue à ressignificação de ideias que outrora eram informadas pelo senso comum e agora, com método, tornam-se ideias constituídas pelo fazer científico aplicado à experiência de indivíduos e grupos.

Conclusão

O aprender jogando é parte da natureza do ser humano que desde os primórdios utiliza o lúdico, o gráfico, o imagético, a arte, para desenvolver seus conhecimentos no e sobre o mundo que os cerca. Desse modo, levar para a sala de aula um jogo inter e multidisciplinar que faça os alunos refletirem sobre a escravização e a resistência cultural de negros e indígenas, a preservação das águas sergipanas, o bom destino para os resíduos através da reciclagem, a história dos municípios que ressaltam o potencial do estado e o integram à história nacional, tudo isso, reflete a formação de professores que acreditam na pedagogia da autonomia freiriana e que colocam em ação a didática histórica de Rüsen.

Referências Bibliográficas

- Freire, P. (1997). *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Lee, P. (2004). 'Walking backwards into tomorrow'. Historical consciousness and understanding history. *The International Journal of Historical Learning Teaching and Research*, 4 (1), 1-46.
<https://www.history.org.uk/secondary/resource/4857/the-international-journal-volume-4-number-1>
- Oliveira, E. D. F. (2020). *Ponteiros da Memória: Educação Patrimonial no Ensino de História em Sergipe*. Dissertação de Mestrado. São Cristóvão: ProfHistória/UFS.
- Rüsen, J. (2001). *Razão histórica: teoria da História: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: UnB.
- Rüsen, J. (2007a). *Reconstrução do passado: teoria da História II: os princípios da pesquisa histórica*. Brasília: UnB.
- Rüsen, J. (2007b). *História Viva: teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: UnB.
- Silverman H. (2011). Contested Cultural Heritage: A Selective Historiography. In: Silverman H. (eds)

Contested Cultural Heritage, 1-49. Springer, New York, NY.

https://doi.org/10.1007/978-1-4419-7305-4_1

Unesco/Iphan. (2010). *Propostal for the inscription of São Francisco Square in São Cristóvão/SE, Brazil*, in the World Heritage List.

<https://whc.unesco.org/uploads/nominations/1272rev.pdf>

Author Note

This work is part of my research, supervision of student projects and class reflections - as a teacher of the subjects of History of Education, Didactics and Methodology of Teaching History, History and Cultural Heritage and Heritage Education - in the Department of History and Professional Master's in Teaching of History at the Federal University of Sergipe.

Correspondence concerning this article should be addressed to Janaina C. Mello, Educatio and Humanity Sciences Center, History department, Federal of Sergipe University, Av. Marechal Rondon, s/n - Jardim Rosa Elze, São Cristóvão, Sergipe, CEP 49100-000, Brazil. Email: janainamello.ufs@gmail.com